

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

O ASSUNTO É GUERRA NA UCRÂNIA

Rearranjos do poder mundial

Multifacetada, estratégia russa inclui desinformação, coerção e dissuasão

Alberto Pfeifer e Alessandro Visacro

Coordenador do DSI (Iniciativa Estratégias em Defesa, Segurança e Inteligência/Ciência, Tecnologia e Inovação e Relações Internacionais) da Escola de Segurança Multidimensional (Essem) da USP

Membro do DSI, é autor dos livros "Guerra Irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história", "A Guerra na Era da Informação" e "Lawrence da Arábia" (ed. Contexto)

Discutir o conflito na Ucrânia requer o uso do pensamento estratégico, superando a mera perspectiva tática, que indiferencia batalhas de guerras. Clausewitz ensinou que guerra é política armada. Política se faz por meio da estruturação sistemática de fatores de poder. No mundo dos Estados-nação, a consecução dos objetivos nacionais demanda a orquestração de todas as capacidades disponíveis numa sociedade, coercitivas ou não.

As operações na Ucrânia correspondem a um modelo de conflito diferente da "guerra convencional". O principal objetivo político externo de Moscou é restaurar a projeção de poder que a Rússia eurasiática exibe desde o século 14. Vladimir Putin reivindica essa primazia, usurpada, por razões internas e externas, desde o fim da Guerra Fria. O objetivo estratégico é o de recolocar a Ucrânia sob sua esfera de influência, impedir o alinhamento de Kiev com a Europa ocidental e adquirir profundidade estratégica face à ameaça expansionista da Otan, a aliança militar ocidental.

Os objetivos operacionais das forças russas resumem-se à falaciosa "desnazificação", ou troca de regime, substituindo-o por um governo fantoche; e "desmilitarização", ou a neutralização do potencial de resposta ucraniana. O objetivo político interno é manter a coesão da Federação da Rússia, entidade multinacional e multiétnica, e do regime de Putin, apoiado em estamentos burocráticos e elites oligárquicas, aliada à demonstração de força à vizinhança — o exterior próximo da ex-União Soviética. O objetivo econômico central é a manutenção e expansão das fontes de hidrocarbonetos, sua exploração e exportação, por meio de uma rede de reservas e logísticas que tem como núcleo central em áreas da Ucrânia.

O instrumento militar subordinado a um arranjo político e estratégico multifacetado que inclui, entre outros, diplomacia; atividades cibernéticas; campanhas de propaganda e desinformação; coerção econômica; inovação tecnológica militar; dissuasão nuclear; emprego de mercenários; uso de forças não convencionais; guerras por procuração; e guerra jurídica. A reinserção política e militar da Rússia no Oriente Médio e no Mediterrâneo oriental, a partir dos conflitos da Síria e da Líbia, por exemplo, denotam sua grande flexibilidade estratégica.

A guerra na Ucrânia começou na Revolução Laranja de 2004. Acirrou-se, entre 2013 e 2014, com a Euromaidan (protestos a favor de maior integração com a Europa), a anexação da península da Crimeia e a sublevação na bacia do rio Donets. O acor-

do de assistência de segurança entre Washington e Kiev, de 2021, elevou a urgência de ação. A janela de oportunidade ofereceu-se pela retomada econômica pós-pandemia e a dependência europeia de energia russa, somada à fragilidade de reação da Otan. A combinação prévia com a China de Xi Jinping permitiu o desencadeamento da campanha.

Com o apoio de operações de influência e ataques cibernéticos, Moscou almeja, por meio de uma ação massiva e rápida, conquistar um objetivo limitado, sem desencadear uma escalada. Contudo, os objetivos políticos e estratégicos de Putin seriam alcançados com mais paciência. Se as defesas ucranianas e o regime de Volodimir Zelenski resistirem, os dividendos da "operação militar especial" podem se tornar controversos. Mesmo seu sucesso suscitará uma série de desafios: acirrar a competição com o Ocidente e o rechaço da opinião pública ocidental; revitalizar o propósito da Otan; induzir os europeus a diversificarem suas matrizes energéticas; enfrentar uma guerra de resistência nos territórios ocupados; ensinar obstáculos a transações financeiras e comerciais com o restante do mundo; desequilibrar a economia doméstica e isolar a Rússia do mundo.

O isolamento russo definiria contornos de uma nova ordem mundial, centrífuga e de competição multidimensional. A resolução da crise com a garantia de atendimento dos interesses vitais de ambos os lados — a independência da Ucrânia e a segurança da Rússia — possibilitará a retomada da perspectiva integrativa da ordem internacional, ainda que matizada pelos elementos de guerra não convencional.

[...]

Os objetivos políticos e estratégicos de Putin poderiam ser alcançados com mais paciência. Se as defesas ucranianas e o regime de Volodimir Zelenski resistirem, os dividendos da "operação militar especial" podem se tornar controversos. Mesmo seu sucesso suscitará uma série de desafios

Quem provocou o conflito?

Casa Branca e Europa foram decisivas no fechamento das portas diplomáticas

Breno Altman

Jornalista e fundador do site Opera Mundi

Apesar da narrativa dominante na imprensa ocidental vender que Moscou seria responsável pelo conflito ucraniano, os fatos demonstram um outro fluxo geopolítico. A Casa Branca, apoiada por vassallos europeus, se moveu incisivamente para empurrar Vladimir Putin ao caminho das armas, fechando as portas diplomáticas.

A atual crise militar, certamente a mais relevante desde a 2ª Guerra Mundial, teve início em 2014, quando um golpe de Estado derrubou o presidente Viktor Yanukovich, aliado russo. Essa insubordinação, apoiada pelos EUA e pela União Europeia, teve como principal bandeira a incorporação de Kiev ao bloco atlântico. Sob essa plataforma, unificaram-se de sociais democratas e neozelistas. A reação de Moscou foi a ocupação da Crimeia, área estratégica por seu acesso ao Mar Negro, que havia sido cedida à Ucrânia em 1954. Um referendo popular consagrou a reintegração desse distrito à Rússia, embora o resultado tenha sofrido questionamentos externos. No leste do país, na região do Donbass (de maioria russa), a resistência ao golpe levou ao surgimento das repúblicas separatistas de Lugansk e Donetsk, imediatamente atacadas pelas Forças Armadas de Kiev.

O cenário se desdobrou em uma guerra civil de cinco meses, suspensa pelos chamados Acordos de Minsk, que previam a realização de plebiscitos sobre o futuro das áreas suble-

vadas. Esses pactos, até o início de 2021, garantiram uma paz relativa, sob fortes tensões e ameaças. A partir de então, ao mesmo tempo em que a Ucrânia reiniciava sua ofensiva contra os rebeldes, o presidente Volodimir Zelenski, eleito em 2019, reabriu portas para o expansionismo ocidental e defendeu a incorporação de seu país à Otan.

Moscou apresentou, em contraposição à política ucraniana, reivindicações simples e defensivas: além do respeito aos Acordos de Minsk, o compromisso de que a Ucrânia não

ingressaria na coalizão militar liderada pelos EUA e tampouco seria destinatária de armas estratégicas. Do outro lado da mesa, o Kremlin somente encontrou inflexibilidade.

A Casa Branca parece voltada para o calendário eleitoral norte-americano, buscando no embate com Putin um ativo na disputa parlamentar contra os republicanos, marcada para novembro. Acima de tudo, sinaliza uma estratégia de asfixia do principal aliado da China: provocar a guerra para justificar sanções econômicas draconianas que quebrem a Rússia e, de preferência, afetem as finanças de Pequim.

Com o descumprimento da promessa feita pelos EUA de conter a Otan nas suas fronteiras originais, o que provocou o desmantelamento do sistema de segurança coletiva montado após a derrota do nazismo, o presidente russo ficou onerado a se render à escalada ocidental, que tem na Ucrânia fronteira decisiva, ou adotar resposta militar que aumentasse a pressão sobre Kiev.

Putin optou por ataques que destruísem o aparato armado do vizinho e estrangulassem Kiev, o elo mais fraco da corrente, derrubando Zelenski ou obrigando-o a desistir de seus planos de filiação à Otan. De toda maneira, a crise ucraniana concluiu um período histórico no qual a hegemonia norte-americana era tão como incontestável. Depois de 30 anos, a ordem unipolar agoniza sob os pés de uma Rússia reerguida.

[...]

Com o descumprimento da promessa feita pelos EUA de conter a Otan nas suas fronteiras originais, o que provocou o desmantelamento do sistema de segurança coletiva montado após a derrota do nazismo, Putin ficou onerado a se render à escalada ocidental, que tem na Ucrânia fronteira decisiva, ou adotar resposta militar que aumentasse a pressão sobre Kiev

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br

Cartas para o Painel do Leitor, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço



Cibele Florêncio, ex-diarista e vice-campeã brasileira de xadrez de 2021; após competição conseguiu emprego e bolsa para a faculdade Divulgação

Guerra financeira

Excelente medida ("Em ato de guerra financeira, Ocidente vai tomar reservas da Rússia e causar pânico", Mercado, 28/2). Tomara que se concretize e não seja uma mera ameaça. Uma medida proporcional à ordem de Putin para a mobilização de seu arsenal de armas nucleares que reduzirão a humanidade a pó. Espero que seja deposto pelo seu próprio povo antes de alcançar o botão que causará a hecatombe.

Maria Bethania Malato (Belém, PA)

Menina prodígio

Reportagens como essa me emocionam demais ("Ex-diarista, Cibele Florêncio muda de vida como a menina do xadrez", Esporte, 28/2). Mostra como o Brasil, apesar dos políticos, tem gente decente, lutadora e merecedora de todos os elogios. Esta menina, então, notável pela garra e determinação. Seja muito feliz, Cibele, orgulho no país onde se acha muito pouco para se orgulhar.

Carlos Campos (São Paulo, SP)

A Otan vai destruir tudo o que foi conquistado a duras penas no século passado ("Otan irá fornecer mísseis de defesa aérea e armas antitanque à Ucrânia", Mundo). Não há como repor a energia russa e os fertilizantes, de forma que esses produtos vão ser negociados em moeda chinesa e pelo sistema chinês de transações, o CIPS (concorrente do Swift). Só pessoa desinformada acha que isso é uma luta pela democracia. Os sauditas conseguem ser piores que os russos em tudo, estão matando milhares de iemenitas há sete anos e nunca impuseram sanções ao príncipe esquireteador.

Bruno Martins da Costa Silva (Porto Alegre, RS)

Os EUA aceitarão bases militares russas em Cuba ou no México? **João Miguel Montes Cellos** (Curitiba, PR)

Melhor um recuo estratégico do que a morte certa ("Ucrânia aceita negociar com Rússia depois de aumento da pressão militar de Putin", Mundo). Os que querem cenas de coragem suicidas estão sentados confortavelmente em suas casas a milhares de quilômetros de distância. Está certo Zelenski ao recuar e salvar vidas e infraestrutura da Ucrânia. **Maria Aparecida Azevedo Pereira da Silva** (Campinas, SP)

Putin surtou de vez. Achou que iria simplesmente entrar na Ucrânia, derrubar o governo e colocar uma marionete no lugar. Agora até ameaça iniciar um embate nuclear. Como já comentou Madeleine Albright, Putin cometeu um erro grave: ou ele recua ou a Rússia será isolada, além de dar motivo para expansão e fortalecimento da Otan. **Gustavo Souza Machado** (Belo Horizonte, MG)

Eu penso que muitos desses governos do Leste Europeu (exceto Belarus) esqueceram o preço que a URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) pagou para derrotar a Alemanha nazista na Segunda Guerra. Se não estou enganada foram cerca de 9 milhões de vidas ceifadas, a maioria cidadãos russos, isso sem contar a destruição de suas cidades, agricultura e indústria. **Marina Gutierrez** (Sertãozinho, SP)

Cotas raciais

Muito bom que, além de rever seu posicionamento, também houve publicação desta matéria ("Helio de la Peña explica por que passou a apoiar cotas raciais", Ilustríssima, 27/2). Contribui para que mais pessoas revejam a questão das cotas, tão importantes para promover justiça social nesse país. **Francielle Bonfim Berardi** (Presidente Prudente, SP)

O próximo passo é o Mundial de xadrez, seria interessante uma mulher campeã mundial. O Mequinho (brasileiro) já foi o terceiro do Mundial, eu já assisti via internet a média de 2 horas cada partida e tinha algumas mulheres no campeonato. **Daniel Gomes Pereira** (Valinhos, SP)

Parabéns a essa guerreira pela dedicação na realização do seu objetivo! **Adão Cruz** (Curitiba, PR)

Área pública ou privada?

Esse país é uma pouca vergonha ("Condomínio de luxo em Paraty limita passagem de caiaças", Cotidiano, 27/2). Aqui é uma festa de impunidade para quem é rico. Compram até as praias e o mar. Trizesta! **Gabriela Loureiro de Bonis Simões** (Rio de Janeiro, RJ)

Publiquem o nome dos condôminos e verão quantos servidores públicos que, em tese não possuem renda suficiente, estão lá, escondidinhos, desfrutando essa barbárie. Já adianta: tem gente da alta cúpula do Poder Judiciário. **Carlos Vastare** (Rio Grande, RS)

Esses grandes resorts em área de proteção ambiental devem ser de molidos, o poder aquisitivo não pode estar acima dos moradores locais e em hipótese alguma nenhum brasileiro deve ser proibido de andar, entrar em qualquer praia. Recentemente fui a Fernando de Noronha, que tem praias privatizadas, uma trizesta. Não paguei a taxa de R\$ 160 para entrar nessas praias por Almeida. Sou contra isso. **Jo Alcesto** (São Paulo, SP)

Jogos de azar

Ambiente propício para a lavagem de dinheiro, fruto de desvios do erário público sustentado pelo pobre povo brasileiro ("Potencial do mercado de jogos de azar no Brasil ainda é incerto", Painel S.A., 28/2).

Antonio Alencar (Brasília, DF)

Colonista

Apreni em um dos livros de Hesse que verdade é apenas opinião sobre a realidade, e opinião cada um tem a sua ("O efeito avestruz", Muniz Sodré, Opinião, 27/2). A realidade, esta sim, é uma só. A grande tragédia da desinformação atual é a adesão a verdades que não passam de mentiras ruminadas — perdão pelo pleonasmo — repetidamente. **Enir Carradore** (Criciúma, SC)

Pós-verdade é apenas mentira. Sem discussão filosófica que tenta dar legitimidade a mentiras. A tentativa de reescrever a história. De dizer que o passado miserável da humanidade era melhor que hoje. Que nazismo e fascismo não eram tão ruins, como fazem a extrema direita e seus seguidores na tal nova direita. **Hercilio Silva** (Brasília, DF)